

Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon  
Maria Cristina S. Furtado  
(Organizadoras)

# Marcha das

# Madalenas

Teo  
Mulher  
+ = ≠

Atena  
Editora  
Ano 2021



Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon  
Maria Cristina S. Furtado  
(Organizadoras)

Marcha  
das

Madalenas

Teo  
Mulher  
+ = ≠

Atena  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes editoriais**

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Marcha das Madalenas

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon  
Maria Cristina S. Furtado

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M315 Marcha das Madalenas / Organizadoras Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon, Maria Cristina S. Furtado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-403-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.037211608>

1. Mulheres na Bíblia. 2. Maria Madalena. 3. Perspectivas religiosas. I. Santinon, Ivenise Teresinha Gonzaga (Organizadora). II. Furtado, Maria Cristina S. (Organizadora). III. Título.

CDD 226.092

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Somos Todas Madalenas! Mas, afinal, quem foi Maria Madalena? Quem são as Madalenas de ontem e de hoje?

A partir dessas e de outras indagações a rede TeoMulher realizou no dia 22 de julho de 2020, de forma remota em função da pandemia da COVID-19, o evento denominado MARCHA DAS MADALENAS.

A realização da Marcha das Madalenas se revestiu de um caráter simbólico, o número sete, que representa a totalidade, a completude entre o Divino (3) e o Humano (4), caracterizada pelas então sete teólogas integrantes da rede TeoMulher.

A partir dessa simbologia outras 7 mulheres, de diversas matrizes religiosas, foram convidadas a fazerem explanações ou abordagens teológicas instigantes referentes ao tema.

Algumas questões iniciais foram levantadas: Quem foi Maria de Magdala? Como foram as atuações das mulheres no seguimento de Jesus? Como elas surgem no cristianismo a partir da bíblia, da história, da cristologia, da epistemologia, do ecumenismo e do diálogo inter-religioso?

Como diversas Madalenas presentes em diversos contextos de crenças, as convidadas a realizar as conferências no evento foram mulheres também de campos de atuação profissional diferentes e com experiências religiosas significativas.

A motivação e os objetivos da realização desse evento se deu após estudos e análises feitas previamente pela TeoMulher sobre as leituras e as interpretações sobre Maria Madalena pela teologia tradicional, ou clássica. Quase sempre as teologias partem de uma epistemologia e hermenêutica patriarcais e machistas, ofuscando esta apóstola de Jesus de Nazaré, o Cristo, resumindo-a à uma noção absolutamente nociva de prostituta.

Maria Madalena foi ocultada na história do cristianismo e, por isso a sua pessoa de suma importância no cristianismo, bem como o seu papel, a sua história encontra-se imbricado na história das mulheres. Assim, o nosso ocultamento e a nossa invisibilização em todas as áreas da sociedade é visível e presente, especialmente, no âmbito das comunidades religiosas.

Com a Maria de Magdala, a Madalena bíblica se dá, pelo fato de se destacar entre os Apóstolos. Nos evangelhos apócrifos, Pedro exercia uma certa “disputa”, pois sentia-se ameaçado por ela, uma vez que Madalena teria recebido ensinamentos privilegiados do mestre e teria compreendido melhor a sua mensagem).

Assim, a partir de uma problematização principal, algumas questões foram levadas às convidadas que tiveram liberdade para produzir o tema das suas falas. As autoras pensaram a partir de: As Madalenas de hoje são ocultadas, por quê? Os homens se sentem ameaçados por nossa visão de mundo cristão?

O apagamento “de Madalenas” na história seguir-se-á, perpetuamente, e fará

com que as mulheres nas comunidades religiosas continuem condenadas e subjugadas, estando sob a ótica contínua da disputa de poder(es) hierárquicos legitimados por homens nas igrejas?

Apresentar Maria Madalena sob diversas faces e em diferentes perspectivas religiosas é o objetivo deste texto produzido a partir de hermenêuticas feministas, teológicas ou não. Participaram da organização da I Marcha das Madalenas as componentes da Rede TeoMulher em 2020: Beatriz Gross, Cássia Quelho Tavares, Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon, Maria Cristina Furtado, Maria de Lourdes Norberto, Perla Cabral Doneda e Susana Regina Moreira.

Visibilizar as Madalenas de hoje nos diversos contextos religiosos e na sociedade significa compreender a mulher Maria de Magdala, a Madalena no contexto de Jesus e do início do cristianismo. Neste e-book, fruto desse evento, a TeoMulher procurou mostrar que somos muitas Madalenas, precisamos ser mais conhecidas e que temos muita força para lutar em todas as instâncias de poder.

Este livro traz os textos produzidos neste evento pelas seguintes autoras: Maria Clara L. Bingemer (*Maria de Magdala, a melhor amiga de Jesus*); Maria Tereza Cavalcanti (*Marcha das Madalenas e das Margaridas. Memórias Bíblicas Subversivas*); Célia Patriarca (*Teologia Negra Feminista*); Ir. Laura Vicuna (*Somos Todas Madalenas! Afinal, quem foi Maria Madalena? Madalenas de ontem e de hoje*); Ana Ester (*Somos todas madalenas, mas nem todas madalenas somos*); e Maria Elise Rivas (*Precisamos falar de Orixá feminino: as Deusas empoderadas*), contando com a conclusão em forma de benção feita pela pastora Silvana Venâncio.

## SUMÁRIO

<b>TEOLOGIA NEGRA FEMINISTA.....</b>	<b>1</b>
Célia Patriarca	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116081">https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116081</a>	
<b>SOMOS TODAS MADALENAS, MAS NEM TODAS MADALENAS SOMOS .....</b>	<b>3</b>
Ana Ester Pádua Freire	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116082">https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116082</a>	
<b>MARCHA DAS MADALENAS E DAS MARGARIDAS. MEMÓRIAS BÍBLICAS SUBVERSIVAS .....</b>	<b>7</b>
Tereza Maria Pompeia Cavalcanti	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116083">https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116083</a>	
<b>AFINAL, QUEM FOI MARIA MADALENA? MADALENAS DE ONTEM E DE HOJE.....</b>	<b>18</b>
Laura Vicuña Pereira Manso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116084">https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116084</a>	
<b>A MAIS QUERIDA AMIGA DE JESUS.....</b>	<b>21</b>
Maria Clara Lucchetti Bingemer	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116085">https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116085</a>	
<b>PRECISAMOS FALAR DE ORIXÁ FEMININO: AS DEUSAS EMPODERADAS .....</b>	<b>26</b>
Maria Elise Gabriele Baggio Machado Rivas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116086">https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116086</a>	
<b>BENÇÃO DAS MULHERES .....</b>	<b>33</b>
Silvana Venâncio	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116087">https://doi.org/10.22533/at.ed.0372116087</a>	
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>SOBRE AS AUTORAS .....</b>	<b>36</b>
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>38</b>

Em julho deste ano tive o prazer de participar da Marcha das Madalenas, que homenageou uma das principais discípulas de Jesus, apoiadora do seu ministério e proeminente liderança na Igreja primitiva – Maria de Magdala. Porém, a história do Cristianismo, marcado pelo sistema patriarcal, ocultou, minimizou e deturpou a sua memória.

Nós, mulheres negras, nos identificamos com esta Maria, pois desde a colonização temos ouvido outras histórias a nosso respeito, que não condiz com a nossa experiência e a imagem que fazemos de nós mesmas. Temos sido “objetificadas” ao longo da história brasileira como sedutoras, feiticeiras, objetos de cama e mesa.

Ser objeto implica ser definido por outros, que se entendem por sujeitos únicos e absolutos - o homem branco, que é tomado por sujeito universal e padrão de humanidade. A sociedade se constrói pela fala e identidade de pessoas brancas e, nesse contexto, pessoas negras são forçadas a se identificar com o “outro” concebido pelo branco. Esse processo é tão forte e perverso, que naturalizamos esse lugar para dentro da vida. Introjetamos, assumimos essa pseudo-identidade sem crítica e sem questionamento.

Historicamente, em razão da escravização, as mulheres negras sofreram tratamento rigorosos, copiosamente, não sendo autorizadas sequer a demonstrar seus sentimentos ou escolher livremente seus parceiros. Eram constantemente vítimas de violência física, moral, psicológica, sexual. Isso fazia parte da domesticação dessas mulheres para torná-las submissas e subjugadas. Tais violências foram romantizadas, incutindo no imaginário popular e na identidade brasileira a ideia de que a miscigenação, fruto desse processo, resultou em uma democracia racial.

No imaginário social orientado pelo racismo concebia-se que as mulheres brancas representavam a candura, inocência e fragilidade, enquanto as mulheres negras poderiam aguentar os mais cruéis tratamentos. Suas vidas eram reduzidas à força de trabalho, mão-de-obra, dominação e total servidão (hooks, 1995).

O racismo está alicerçado no sistema patriarcal e, evidentemente, associado à ideia de poder. Este é o sistema de opressão estruturante de nossa sociedade, marcada por profundas desigualdades. O racismo estrutura a linguagem, as relações sociais e sexuais, a educação, as instituições, com o objetivo de reduzir o outro e inferiorizá-lo.

As construções linguísticas e literárias serviram para impor uma cultura de opressão e silenciamento sobre mulheres e negro(a)s, tendo em vista que o idioma pode criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois define o lugar de identidade. É o que ainda evidenciamos em nossos dicionários que definem *negro* como “indivíduo de raça negra, sujo, encardido, sombrio, lúgubre, perverso, escravo”. Ao contrário, *branco* tem significados positivos: sem mácula, inocente, puro, cândido, ingênuo, homem de raça branca.

A construção da “branquitude” (Kilomba, 2019), a ideia de ser racialmente diferente e superior a outros, se constrói pela negação do outro – o ser negro(a). A “negritude” é, então, a construção do outro em posição de inferioridade em relação ao ser branco. Não é por acaso que a nossa sociedade compreende o homem branco hierarquicamente superior à mulher branca, que é superior ao homem negro. Nessa hierarquia, a mulher negra ocupa o lugar de maior inferioridade, abaixo do homem negro, o que pode ser corroborado pelas estatísticas.

Dados do IBGE (2019) apontam que mulheres têm média salarial menor que os homens. Porém, a mulher negra ganha menos que a mulher branca, o homem branco e o homem negro. Mulheres negras são maioria no trabalho informal, atuando como empregadas domésticas; têm menos acesso a direitos básicos, como saneamento; possuem maior carga de trabalho doméstico, como a lavagem de roupa, entre outros trabalhos não remunerados; são as principais vítimas de violência doméstica no Brasil.

Inclui-se que a leitura da Bíblia é marcadamente atravessada pelo patriarcalismo e racismo. A leitura eurocêntrica da Bíblia elege o homem branco, europeu, como norma e ideal de humanidade. Desse modo, o texto bíblico encontra-se permeado por traduções e interpretações que possibilitam o ocultamento de mulheres e povos de origem africana.

Por isso, a teologia negra feminista faz uma crítica à suposta universalidade da teologia tradicional europeia e norte-americana, questionando o conhecimento construído sobre bases eurocêntricas, a fim de dar visibilidade à mulher negra, que se assume como intérprete a partir da sua própria experiência. Trata-se de um movimento de disputa teológica, que busca romper com a herança colonial, marcada pela segregação racial e heranças culturais e sociais da colonização e da escravização.

A “branquitude” também é específica. O fato de o homem branco e a mulher branca se compreenderem como padrão universal de humanidade naturaliza os privilégios desenvolvidos com base na opressão do outro. Portanto, torna-se importante que a sociedade compreenda e se responsabilize por lutar contra o racismo. O enfrentamento ao racismo não é uma pauta de pessoas negras, mas de todos e todas. A construção de uma sociedade mais equânime e inclusiva pressupõe que todas as pessoas sejam dignificadas e possam usufruir igualmente de todos os direitos.

“Em uma sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”  
- Angela Davis.

# SOMOS TODAS MADALENAS, MAS NEM TODAS MADALENAS SOMOS

Ana Ester Pádua Freire

22 de julho de 2020, dia da Apóstola dos Apóstolos, e é por ela, e por tantas outras, que nós nos colocamos em marcha. É fato que a pandemia nos faz marchar de maneira diferente. A marcha é uma manifestação pública de ocupação do espaço público. E hoje, infelizmente, não ocupamos as ruas, mas, por outro lado, ocupamos a internet, as mídias, as redes sociais, que também podem ser compreendidas como espaço público – não no sentido de ser para todas, mas no sentido de ser um espaço de visibilização de pautas reivindicatórias.

Gosto muito da ideia de marcha, de desmilitarizar a palavra e caminhar juntas, nos colocando em movimento. Quantas são as nossas marchas? Temos a Marcha das Mulheres, a Marcha das Margaridas, a Marcha das Vadias, a Marcha das Madalenas. A Marcha luta por direitos coletivos corporificados. Luta contra a precariedade, a partir das experiências vividas pelos indivíduos e pela coletividade. A filósofa Judith Butler, em sua “teoria performativa de assembleia”, afirma que “mesmo uma vida destituída de direitos ainda está dentro da esfera do político e, portanto, não está reduzida à mera existência, mas está, com frequência, enraivecida, indignada, revoltada e opondo resistência” (BUTLER, 2018, p. 89). É a vocalização da “raiva” e da “indignação”, que, segundo a filósofa, leva as pessoas às ruas. E em nosso caso, nos leva às redes sociais.

Ir às redes de maneira coletiva é um exercício plural e performativo de aparecer, quando a própria reunião por si só já significa persistência e resistência. A marcha começa quando as pessoas começam a se reunir, ao que Butler (2018) chama de “assembleia pública”. Parece um equívoco epistêmico e conceitual, seguindo as preposições de Butler, abordar o debate das marchas das ruas para entender a “marcha” nas redes, mas é justamente sobre isso que estamos tratando, afinal, nosso contexto de isolamento devido a pandemia por COVID-19 deslocou nossas manifestações para o ciberespaço – ainda que continuemos nas ruas, como as reações ao assassinato de George Floyd tem nos mostrado.

No ciberespaço aparecemos, publicizamos nossos corpos, porque queremos vocalizar nossas experiências e, assim, construir uma marcha plural e diversa, ainda que representada por apenas um nome: Maria Madalena. Mas, seria um nome capaz de abordar as nossas diferenças e as especificidades de nossas pautas? Acho que não. Maria Madalena sem dúvida é uma melhor figura bíblica para nós do que Maria, a mãe de Jesus - mulher assexualizada, vestida com um manto que cobre seu corpo, suas formas, uma virgem cuja epistemologia da virgindade coloca as mulheres da América Latina em uma posição de contradição com suas próprias sexualidades. Como essa Maria não é o nosso tema, fica a sugestão do capítulo “A virgem indecente”, de Marcella Althaus-Reid, em seu

livro Teologia Indecente (2005) para aprofundar a questão.

Há tempos eu me desfiliei das mulheres da Bíblia. Essa desfiliação teológica vem de uma leitura queer das Escrituras na qual eu não preciso mais pedir licença à Bíblia para poder existir. Não há mais um interesse teológico pessoal em rever as histórias das mulheres, de salvá-las de uma leitura patriarcal nem de me encontrar nessas mesmas histórias. E não nego, devo isso a todas as maravilhosas mulheres que me antecederam com práticas teológicas críticas e feministas para que eu pudesse hoje me colocar nesse determinado lugar teológico e existencial. Ao longo de minha complexa jornada entre cristianismo e sexualidade, escrevi outras “bíblías” e acabei eu mesma sendo escrita e descrita por outras manifestações do Sagrado. Isso não implica em um abandono da Bíblia em si, pelo contrário, minha despreziosa leitura facilita muito meu encontro com o texto, tirando dele o peso de ser regra e prática de fé – o que ele nunca se propôs a ser!

A desfiliação não implica no abandono. A desfiliação implica em afirmar que não me imbrico mais à teologia branca, eurocêntrica, antropocêntrica, heterossexual e cisgênera do cristianismo hegemônico. E é aqui o ponto nevrálgico de minha reflexão sobre Maria Madalena, pois afirmo, a partir de meu corpo e de minha sexualidade, que muito da produção teológica mais progressista que temos é ainda fruto dessa mesma engrenagem no que diz respeito à heterossexualidade. Afinal, como afirma a teóloga indecente Marcella Althaus-Reid “toda teologia é sexual”. E se não é dissidente sexual, pode saber que é heterossexual e cisgênera. E mais, monogâmica e monoamorosa.

Tendo explicado onde me coloco teologicamente, chego finalmente ao título de minha reflexão: “Somos todas Madalenas, mas nem todas Madalenas somos”. Minha tese é a de que eu, teóloga lésbica, e todas nós pessoas dissidentes sexuais e de gênero *não somos* as Madalenas das nossas teologias. De Maria Madalena, o que ainda temos são os sete demônios:

1. Ainda não somos aceitas em muitos espaços de produção teológica, mesmo quando se intitulam liberais, progressistas e feministas;
2. Não há interesse em incluir a pauta LGBTIA+ nos debates teológicos quando atravessados por discussões e posicionamentos políticos, porque acreditam que ela mais separa do que une as pessoas;
3. Ainda consideram temas relativos à sexualidade como temas tabu para serem tratados nas comunidades de fé, ainda mais quando incluem temas como poliamor, perversão e promiscuidade, que “constrangem” a moral tradicional;
4. Vemos muitos avanços nas discussões sobre as interseccionalidade das mulheres, mas pouco no que diz respeito as sexualidades divergentes, o que implica em deixar de fora das conversas as mulheres travestis e transgêneras;
5. Existe uma ideia universalizante sobre pessoas LGBTIA+ que desconsidera todos os outros marcadores sociais que nos diferenciam;
6. Existe uma ideia universalizante de mulher, que ainda trabalha com a

violenta categoria de sexo, quando inclui temas como o Sagrado Feminino, a maternidade, a defesa do útero como única expressão de mulheridade;

7. Ainda cumprimos o papel de cota nos debates, porque consideram que nossa produção teológica se dá somente no âmbito da sexualidade.

É... não somos a Madalena das Teologias Feministas. Não ouviram nossas experiências, não perceberam nossas especificidades nem a nossa potência. Não recontaram nossas histórias ou santificaram um dia para nós. Não perceberam o sistema de silenciamento das nossas vivências ou ousaram nos dar voz. Na nossa precariedade criamos movimentos nossos e teologias nossas, que denunciam a heterossexualidade como chave de compreensão do Sagrado negando experiências que se dão à margem, ou melhor, nas esquinas. E é justamente na esquina que, aí sim, nós, dissidentes sexuais e de gênero, nos afirmamos Madalenas. Nos afirmamos justamente na prostituta que ela não foi (ou será que foi?). Uma das preocupações de muitas Teologias Feministas foi a de tirar de Maria Madalena qualquer ideia de que ela tenha sido uma prostituta, afinal, isso foi uma construção ideológica de um Papa em um determinado momento histórico. Caberia aqui até uma discussão do porquê da importância da higienização de Maria Madalena como construto da ideia de uma Maria sempre virginal que ainda rege muitas de nossas teologias feministas. Infelizmente, não temos tempo para isso. Mas, para mim, o importante aqui é usar a categoria de prostituição para pensar na relação das dissidentes sexuais e de gênero com a igreja.

Segundo Marcella Althaus-Reid (2019, p. 136),

as prostitutas (*da Bíblia*) não falam e nós não temos compreensões teológicas ou reflexões vindas a partir delas. Não temos episódios tirados de suas vidas cotidianas (familiar ou qualquer que seja) e não sabemos nada sobre suas reflexões sobre Deus e suas sociedades. No Novo Testamento, a «prostituição» de muitas mulheres é principalmente de caráter exegético (não biográfico); tais exemplos incluem Maria Madalena (...). Sua prostituição é parte da imaginação exegética dos intérpretes bíblicos com propósitos de instrumentação teológica. Na realidade, o ponto focal raramente é a assim chamada prostituta, mas sim uma agenda de questões ideológicas que requerem o uso do corpo de uma prostituta para fins de afirmação política ou religiosa.

Essa ideologia política e religiosa que organiza as instituições cristãs tem interesse em manter nossos corpos como os da prostituta, sem história, sem voz, sem vez, porque sabem que a inserção das nossas experiências espirituais na vida da igreja muda não somente a igreja, mas muda a própria ideia de Deus.

Assim, concluo afirmando que “Somos todas Madalenas, mas nem todas Madalenas somos”! E, no fundo, isso é bom! É na diversidade de mulheres, de feminismos, de teologias, de deuses, que damos ritmo à vida, percebendo umas nas outras uma multidão maior do que nós. Seguimos juntas, como Madalenas, mas também como Marias, Anas, Teresas, Célias, Lauras...

## REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus queer**. Rio de Janeiro: Metanoia, Novos Diálogos, 2019.

ALTHAUS-REID, Marcella. **La teología indecente**: perversiones teológicas en sexo, género y política. Espanha: Edições Bellaterra, 2005.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

# MARCHA DAS MADALENAS E DAS MARGARIDAS. MEMÓRIAS BÍBLICAS SUBVERSIVAS

Tereza Maria Pompeia Cavalcanti

A “Marcha” soa como protesto, valentia decidida de quem não abre mão de seus direitos. Assim aconteceu nas manifestações de mulheres agricultoras em Brasília sempre no dia 12 de agosto (lembrando o assassinato da agricultora e sindicalista Margarida Maria Alves) nos anos 2000, 2003, 2007, 2011, 2015. As palavras de ordem eram: **contra a fome, a pobreza e a violência sexista; por desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade**. Uma marcha alegre, vibrante, que chegou a 100.000 manifestantes na esplanada dos ministérios, vindas de diversos estados do Brasil.

Hoje, a “Marcha das Madalenas” também tem esse caráter de protesto, de convicção e determinação. Muitos são os **rostos das Madalenas** que foram sendo superpostos à Maria de Magdala, discípula muito próxima de Jesus e primeira testemunha da ressurreição. Rostos que tinham por intenção apagar a liderança de uma mulher que **foi apóstola dos apóstolos mas não coube entre os Doze**.

É significativo que nos textos do NT que relatam as memórias das primeiras comunidades cristãs **a única mulher que conviveu com Jesus a ser citada é Maria, sua mãe. Somem todas as discípulas que o seguiram**. Aparecem outras como Priscila, Febe, Lídia, Junia, a mãe de Marcos, etc. Mas somem as seguidoras que acompanharam Jesus desde a Galileia. Por que será?

E desde aquele momento, o gesto de Jesus na celebração da ceia foi negado às mulheres, assim como os outros “poderes” na Igreja, ainda que esses poderes sejam chamados “ministérios” (o que significa “serviços”). Em muitas Igrejas cristãs essa barreira vem sendo aos poucos rompida, mas na Católica, ao contrário, ela se ergue ainda mais forte e rígida, como ficou explícito no resultado oficial do Sínodo da Amazônia. Nem o Papa Francisco dá conta de romper essa muralha!

Então vamos rever algumas **memórias bíblicas** que nos levam a reivindicar um OUTRO ROSTO das Madalenas registrados nas Escrituras. Mas temos aqui uma **dificuldade metodológica**:

Ivone Gebara<sup>1</sup> nos lembra que:

- **a memória é sempre misturada com o esquecimento e a Bíblia registrou a memória dos grandes, todos homens**: patriarcas, reis, heróis, juizes, profetas-homens, legisladores, sacerdotes... Sobra muito pouco para as mulheres como Sara, Agar, algumas rainhas...
- Ela lembra também que a **memória das mulheres está ligada a fatos do co-**

1. Ivone fez essas observações na Live do Coletivo Memória e Utopia: **Seminário Mulheres e o Mundo Pós-Pandemia: Memória e Utopia** em 17 de julho de 2020, em parceria com a articulação Amig@as de Ivone Gebara.

**tidiano**, que são repetitivos, banais, sem importância (lembrou aqui a música de Chico Buarque “Cotidiano”) e por isso não precisam ser lembrados. Mas observou que recentemente as mulheres começaram a descobrir e trazer à tona a memória do cotidiano ao longo da História.

- Ivone nos alerta para não enfatizar os papéis que sempre são atribuídos ao feminino: o serviço, o cuidar, proteger, como agora na pandemia o trabalho das enfermeiras...

Então vamos falar do quê se queremos partir da Bíblia e de Madalena para animar nossa marcha?

- Proponho buscar algumas **memórias de mulheres** que **entraram na Bíblia pela porta dos fundos** dos textos masculinos. Textos que entraram para tapar um buraco, ou **emergiram sem pedir licença aos redatores finais que não ousaram apaga-los**. Ou ainda entraram porque **seu aspecto revolucionário fica disfarçado**, escondido nas leituras habituais.
- Não vou me referir a livros como o de **Rute ou o Cântico dos Cânticos**, cujo poder crítico em relação à sociedade da época já tem sido observado com frequência.
- Não vou me referir à história de **Agar, cuja memória foi tão desconfortável que precisou ser relatada em dois textos com versões diferentes, mas com o mesmo objetivo: reivindicar o direito do filho da escrava negra e estrangeira à primogenitura de Abraão. Uma memória que incomoda!** (Ocuparia todo o espaço dos meus 10 minutos)
- Vou me ater a **3 “janelas”** (como gosta de falar Carlos Mesters, meu mestre): 1) Mulheres do Êxodo precedem os gestos de Javé; 2) A rainha Vasti: ameaça à estabilidade do Reino Persa; 3) As mulheres no cotidiano de Jesus marcam sua profecia.

## **Mulheres do Êxodo precedem os gestos de Javé**

Logo no início da história do Êxodo, o Senhor Javé diz a Moisés:

*“Moisés, Moisés, **estou vendo** muito bem a aflição do meu povo que está no Egito. **Ouvi seu clamor** diante de seus opressores, pois **tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-lo.**” (Ex 3,7-8).*

Mas antes dessa atitude de se aproximar e libertar o povo oprimido ser atribuída a Deus, foi atribuída a pessoas humanas: no caso, mulheres. Vejamos como a história foi contada.

- a. As parteiras teimosas

A ação é contada em Ex 1,15-22.

O livro do Êxodo relata que quando os hebreus estavam como escravos no Egito, foram ficando muito numerosos, então o faraó ficou com medo deles e mandou que as parteiras matassem todos os filhos homens dos hebreus, no momento do parto. Acontece, porém, que as parteiras se recusam a matar os recém-nascidos (Ex 1,15-20). Elas são espertas: enganam o faraó, favorecem os oprimidos e as discriminadas e por isso recebem nomes de princesas: Séfora (que quer dizer Beleza) e Fua (que significa Esplendor)!

Tea Frigerio comenta: “Elas são belas. Elas brilham. Elas resplandecem. Espalham luz!”<sup>2</sup>

Milton Schwantes diz em seu comentário a esse texto<sup>3</sup>:

“Mas, em que cenário histórico caberia um faraó, dono do mundo, em diálogo com duas parteiras? **Isso não afina com memórias históricas mas com provocações políticas e quase míticas.** Pelo viés do mítico desliza a existência. Aí se revelam pessoas. No mito poderes viram coisa próxima, gente vizinha ... Decisões pessoais têm lugar: as parteiras tomam posição. (...)

Mas, enfim, vencem, porque **o poder total, de tão total que é, não alcança a vida em suas minúcias.**<sup>4</sup>

A narrativa, de fato, não pretende ser histórica mas simbólica. São textos escritos para levantar o ânimo de grupos oprimidos, principalmente de mulheres ameaçadas por uma sociedade opressora. Continua Milton:

**O conto torna viável o que parecia inviável - diminuir este poder total de faraó.** O faraó é puxado para perto e, desse modo, diminuído, diluído. Eis um dos milagres da linguagem desta estória típica, deste 'mito'!

Esta postura de vida em sábia resistência é designada de “temor ao Deus” (v.17.21). Tal “temor” libera do medo dos poderosos. **Aqui “temor” não é medo, mas comoção ética. É aquela indignação que das entranhas de nossa vida nos leva a dizer: Não! À opressão não há que obedecer!** “

A narrativa das parteiras revela a astúcia das mulheres quando se sentem chamadas a subverter o poder opressor.

---

2. Ver “Espiritualidade da caminhada e da libertação – enxergando o arco-íris”, onde a autora comenta esse texto bíblico. Encontra-se publicado no Texto Base do 11º. Intereclesial das CEBs: *CEBS: Espiritualidade Libertadora*. Belo Horizonte, Ed. O Lutador, 2004, p. 44.

3. Faço aqui uma citação livre, recortando textos do livro *Chamados à liberdade. Comentário bíblico a Exodo 1 – 6*. São Leopoldo, Oikos, 2016 (obra póstuma), p. 30-40. Os grifos são meus.

4. Aqui entra o cotidiano dos e das pequenas. Carlos Mesters faz a comparação com os fios elétricos que fazem um emaranhado confuso e intrincado nas favelas: por ali passa a comunicação entre os pobres, as insignificantes, como diria Gutiérrez. Os cabos maiores, de alta tensão (como a mídia dominante), não tomam conhecimento dessa forma de comunicação. Infelizmente, as *fake News* conseguiram penetrar nessa forma de comunicação...

b. O nascimento de Moisés (Ex 2,1-10)

Quando Moisés nasceu, sua mãe, olhando para seu bebê, **viu que era bonito** e teve que escondê-lo para desobedecer ao faraó. Então ela o colocou num cesto e deixou que ele vagasse pelo rio até que a filha do faraó o encontrou. O texto diz: *“Ela viu o cesto no meio dos juncos e mandou uma criada apanhá-lo. Ao abrir o cesto viu a criança. Era um menino que chorava. Ela ficou com pena dele e comentou: “É uma criança dos hebreus!”* (Ex 2,5-6).

Então **resolveu adotá-lo**. Filha desobediente nas barbas do faraó, seu pai!

A história continua dizendo que a irmã do menino se ofereceu para buscar uma mulher hebreia para amamenta-lo e a princesa aceitou. Então a própria mãe de Moisés foi contratada pela filha do faraó para amamenta-lo. Quando ele desmamou foi entregue à princesa que lhe deu o nome de Moisés que significa “tirado das águas” (cf. Ex 2,7-10).

Nessa narrativa,  **muitas mulheres se uniram para proteger a vida ameaçada e assim iniciaram a história do Êxodo do povo**. Essa característica de unir pessoas, de juntarem-se mulheres para defender direitos e salvar a vida, é comum nos textos sapienciais.

Milton Schwantes comenta:

“De novo, a *beleza!* O menino que nasce é “belo”, é “bom” (v.2). O termo hebraico em questão (*tob*) abrange os dois aspectos: simultaneamente expressa o ético e o estético. O *belo* subverte, transgride.

Este passo da morte à vida encontra-se dramaticamente expresso no v.6::

*“Ao abrir o cesto, viu a criança. Era um menino que chorava. Ela ficou com pena dele e comentou: “É uma criança dos hebreus!” (...)*

A sequência de “ver” e “escutar” também temos no texto chave onde Javé “vê” e “escuta” o clamor dos hebreus. A “filha de faraó” atua conforme este modelo de uma das frases centrais do livro do Êxodo.

E esse autor pergunta:

**Quem terá feito tão sábia memória? (...) Não de ser mulheres.** Ambas as cenas estão estruturadas ao redor de parteiras e mães. São contos celebrados por mulheres”.

Daí que as melhores intérpretes desses textos deverão ser mulheres que vivem situações semelhantes. E o autor reconhece que aprendeu com elas.

## MEMÓRIAS BÍBLICAS SUBVERSIVAS

### A Rainha Vasti: ameaça à estabilidade do Reino Persa

Segundo o livro de Ester (Est 1,1-22), Vasti era esposa do rei Assuero, da Pérsia, dono de um vasto império, que dava muitos banquetes para mostrar seus poderes e

riqueza. Um banquete que durou 7 dias foi dado por Assuero para os oficiais, governadores e todos os chefes do Reino. A rainha Vasti também deu um banquete para as mulheres pois, conforme o costume, nas festas havia separação dos sexos.

Diz o texto: *“No sétimo dia, quando o rei estava alegre por causa do vinho”* ordenou aos 7 eunucos que o serviam *“que lhe trouxessem a rainha Vasti com sua coroa real, para que os generais e o povo admirassem sua beleza, porque era muito formosa. Mas quando os eunucos lhe transmitiram a ordem do rei, a rainha Vasti não quis ir.”* (Est 1,10-12). O texto não diz os motivos da rainha para se recusar a obedecer ao rei.

Então o rei teve um acesso de raiva, enfureceu-se e chamou os 7 peritos em Direito do Reino para lhe aconselharem sobre o que fazer. O chefe dos conselheiros respondeu: ***“A rainha Vasti não só faltou com o rei, mas com todos os governadores e todos os súditos que o rei Assuero possui nas províncias. Porque quando as mulheres souberem o que a rainha fez, desprezarão seus maridos. Dirão: ‘o rei Assuero mandou que a rainha Vasti se apresentasse, e ela não foi’. Hoje mesmo as mulheres dos príncipes da Pérsia e da Média que ouvirem o que a rainha fez, como falarão aos seus maridos? Acabarão desprezando-os e brigando”*** (Est 1,17-18).

Assim, a atitude da rainha se configurava como uma rebelião no palácio, com testemunhas. A proposta dos conselheiros foi de que o rei publicasse um decreto *“proibindo que Vasti se apresentasse ao rei Assuero e concedendo o título de rainha a outra melhor do que ela. Quando por todo o imenso Império do rei ouvirem o decreto real, todas as mulheres honrarão seus maridos, nobres ou plebeus. (...) E o rei mandou cartas a todas as províncias do Império, a cada uma em sua escritura e a cada povo em sua língua, ordenando que fosse o marido quem mandasse em casa”* (vv. 19-22).

Essa introdução ao livro de Ester é primorosa. Ela deixa clara qual deve ser – de acordo com a cabeça dos homens – a posição e a atitude das mulheres de qualquer classe social. Algumas coisas ficam bem nítidas:

- Vasti devia desfilhar como única mulher diante de uma multidão de homens bêbados, não porque quisesse revelar sua beleza como a jovem de Cantares diante de seu amado, mas simplesmente como mais um **objeto de luxo**, para ostentar o brilho de um rei no cume da vaidade e da frivolidade. Ela seria um simples adereço a coroar o esplendor do rei. Recusou-se.
- De certa forma o decreto confirma a vontade da rainha, pois a proíbe de se apresentar ao rei (vers. 19). Então, aqui, quem obedece é ele!
- Diante da recusa de Vasti, todos os homens se escandalizam e relacionam a atitude da rainha à atitude de suas mulheres. Por duas vezes no texto é referido o temor dos maridos de serem desprezados por suas mulheres, espelhadas na insubordinação de Vasti.
- O decreto real deveria alcançar todas as províncias para que as mulheres de

todo o Império o ouvissem e passassem a honrar seus maridos, “*nobres ou plebeus*” (v. 20)

- Para exorcizar uma possível rebelião das mulheres, o decreto é traduzido nas diversas línguas e adaptado às diversas escrituras de todas as províncias do império. **A ordem era: “quem manda em casa é o marido!”** (v. 22).

Como se sobressai o medo dos homens em relação às mulheres nessa narrativa? Ser trocada por outra mulher, naquela sociedade, era comum, não deveria funcionar como um grande castigo... Embora o interesse do texto estivesse mais focado no modo como Ester foi escolhida e salvou seu povo, a estória deixa entrever uma fraqueza do homem em relação à mulher, fosse ela rainha ou plebeia!

Memórias subversivas de mulheres que deveriam rir ao contar essa narrativa, com um piscar de olhos! A estória de Vasti entrou na Bíblia por descuido dos redatores que estavam mais focados no brilho de Ester (cujo nome, aliás, significa “Estrela”), mas precisavam justificar a presença de uma estrangeira como rainha da Pérsia.

Passemos agora a uma abordagem rápida sobre como algumas mulheres aparecem – ou não - no Novo Testamento.

## **As mulheres no cotidiano de Jesus marcam sua profecia**

Várias mulheres surgem nas narrativas dos 4 Evangelhos, em geral sendo curadas ou atendidas por Jesus. Tomo apenas um exemplo significativo:

### **A mulher cananea** (Mc 4,27-30; Mt 15,22-28)

Como muitas outras, seu nome é omitido. Mas ensina a Jesus a atravessar a barreira das diferenças entre os povos. Ela não se deixa levar pela atitude pretenciosa de Jesus, não reage com irritação, mas usa de sabedoria: “os cachorrinhos também comem das migalhas que caem da mesa dos filhos”. Esta atitude vai levar Jesus a ensinar que “quem se humilha será exaltado e quem se exalta será humilhado” (Mt 23,12). Aqui ela sai exaltada e ele se rende (será que saiu humilhado?)

Vejamos agora quem foram as mulheres que conviveram com Jesus no seu cotidiano.

- a. Maria, sua mãe**, claro! A tradição fez dela tantas imagens de Rainha, de Virgem pura, de super-mãe, etc. Mas quero ressaltar que
  - Maria atuou na contramão dos costumes quando passou um pito em Jesus adolescente, dizendo: “*Filho, por que fizeste isso conosco? Olha que teu pai e eu estávamos angustiados te procurando!*” (Lc 2,48). Ao tomar a iniciativa aqui, ela passou à frente de José que, como pai, deveria ser a “autoridade” (o pai representa a Lei).
  - Em Caná Maria toma a frente na festa de casamento. Não só ela sente a FALTA

do vinho (as mulheres são sensíveis à falta – bater panelas), mas quer garantir **a alegria e o sucesso da festa**. Ela comanda na cozinha<sup>5</sup>. O mestre-sala não sabia disso! Mulheres gostam de comemorar, e comemoração sempre tem comunidade, gente reunida pra celebrar! Não se celebra sozinha!

- Por isso a parábola da moeda perdida ressalta o costume das mulheres de comemorarem com vizinhas e amigas as pequenas vitórias do cotidiano. É a vida comunitária celebrada e festejada!

b. Maria e outras mulheres

- Na convivência diária com Maria e outras mulheres, Jesus deve ter aprendido **coisas do cotidiano**:
- como se coloca um punhado de **fermento** para levedar a massa;
- como não se deve costurar **remendo novo em tecido velho**;
- como não se deve colocar **vinho novo em potes velhos**;
- como se deve **cuidar das sementes** e acreditar que a mais pequenina vai fazer brotar a maior árvore onde os pássaros vão pousar
- e que **a semente morre** para dar lugar à planta, e isso é uma lição de vida...
- que **os lírios do campo são belos** e não precisam se preocupar com sua roupa porque o Pai os reveste de beleza natural;
- Que os pássaros do céu não plantam nem colhem, **nem acumulam**, mas o Pai os alimenta a cada dia...

E assim por diante. Mulheres deram a Jesus material do cotidiano que ele utilizou em suas **parábolas**. Nas parábolas está a **Sabedoria** mas também a **Profecia**!

c. As mulheres cuidam de Jesus

São muitas, mas só muito poucas são nomeadas. Em geral elas não estão sozinhas, andam em grupos. Porém em dois momentos específicos **mulheres sozinhas** cuidam de Jesus:

- uma unge sua cabeça com óleo perfumado, é criticada por discípulos e louvada por Jesus: “*onde quer que a boa Nova for anunciada farão memória dela*” (Mc 14,3-9). E como muito bem observou Fiorenza, seu nome foi “esquecido”<sup>6</sup>.

---

5. É significativo que aqui uma mulher – e nem é a dona da casa – MANDA, e os serventes obedecem. Depois ela passa o comando a Jesus. Será que aqui não houve manipulação do texto, para reforçar que quem manda é o homem Jesus? A frase “*Fazei tudo o que ele vos disser!*” tem sido sempre usada para levar as mulheres a obedecerem – aos homens!

6. Elisabeth s. Fiorenza, *In memory of her*. N. York, Crossroad 1983. A tradução feita pelas Paulinas tem o título de As

- Outra lava os pés de Jesus com suas lágrimas, enxuga-os com seus cabelos, beija-os e perfuma-os. E Jesus, contradizendo o fariseu que a via como pecadora, vai elogiá-la porque muito amou (Lc 7, 36-50)<sup>7</sup>.
- Note-se que ambas se expressam por **gestos**. Os redatores dos textos não reportam suas palavras.

d. As mulheres discípulas

**Neste grupo está Maria Madalena.** Seu nome é sempre o primeiro a ser citado nas listas das discípulas. **Chama a atenção o fato de nenhuma delas ser mencionada nos livros do NT fora dos 4 evangelhos.** Parece evidente que houve aqui aquele “esquecimento” de que fala Ivone Gebara. O que sobrou então? Os escritos apócrifos: Evangelho de Maria, Evangelho de Tomé... Mas isso é uma outra história...

O que é dito sobre as discípulas, que por sinal só são lembradas no final de cada evangelho (com exceção de Lucas 8,1-3)? Que “**seguiam e serviam a Jesus desde a Galiléia**”, de onde o vieram acompanhando. Se o seguiam, é porque eram **discípulas**. Mas esta parte foi esquecida, negada, suprimida. O que sempre é lembrado, é que elas lhe prestavam serviço, sim, como fazer comida, lavar os pés, limpar e consertar roupas (destas coisas não se fala), ou como diz Lucas, ajudavam com seus bens (Lc 8,2-3). Fica subentendido que elas **cuidavam** de Jesus, **no sentido mais prosaico do termo!**

Mas também é verdade que Jesus retomou esses gestos na última ceia, como **modelo de seu discipulado!** Aqui Jesus foi **discípulo das mulheres, das escravas e dos escravos.**

E mais: essas discípulas foram **ungir o corpo de Jesus** no tumulto. Gestos de cuidado e homenagem que os homens nem sempre imaginam...

Elas participaram da INTIMIDADE de Jesus. Ficaram junto dele na cruz, ao lado de Maria, sua mãe. Cuidando até o fim...

**A discípula Madalena é sua confidente** e o encontro dela com o ressuscitado no Jardim evoca a apaixonada de Cantares. Aquele jogo de esconde-esconde: procura e não encontra, quando encontra não reconhece, quando reconhece ele lhe escapa...

Nesse relato João faz emergir o **protagonismo de Madalena** - a 1a. a ver o Ressuscitado e a dialogar com ele. E as outras mulheres também receberam a boa nova da ressurreição antes dos homens; e ao lhes relatarem foram tidas por loucas! (Lc 24,11) As mulheres deliraram, assim pensam os homens!

---

origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica. São Paulo, Paulinas, 1992.

7. No evangelho de João ela é nomeada como Maria, irmã de Marta e Lázaro (Jo 12,3).

## CONCLUINDO

Alguma coisa aconteceu para que as mulheres discípulas de Jesus fossem apagadas da memória das primeiras gerações de cristãos. O que permaneceu delas, segundo os Evangelhos, foram justamente os gestos e atitudes que hoje procuramos evitar de atribuir às mulheres: a presença silenciosa, o cuidado, o serviço humilde e cotidiano.

Por outro lado, Jesus nos deixou atrapalhadas quando colocou a prioridade do discipulado justamente no serviço e não no poder. Quando fez isso, porém, estava se dirigindo a discípulos homens! Aqueles que estavam disputando entre si quem seria o maior no Reino de Deus (Mc 10,35-45; Mt 20,20-28).

Parece que o papel de insurreição das mulheres teve que usar a figura de Madalena para vir à tona! Daí a rebeldia que ela passou a representar na Tradição. E essa rebeldia vestiu-se de sexualidade, de erotismo e paixão! E assim Madalena se tornou a santa de referência das prostitutas, a santa pecadora homenageada pelas transgressoras que incomodam os “homens de bem”.

Ora, hoje temos um mundo em convulsão onde o capitalismo está esgotando todos os recursos da natureza, justamente porque coloca o poder e a riqueza como única diretriz da sociedade. E a pandemia retira o véu que encobria as desigualdades desse sistema.

Neste contexto me pergunto se não é o momento de propormos a atitude do CUIDADO - com as pessoas e com a natureza - que foi abandonado pela sociedade machista e devoradora dos bens e dos pequenos e pequenas.

Neste sentido, gostaria de poder juntar as duas marchas: a das Madalenas – entendidas como profetisas que denunciam toda forma de injustiça e arrogância – e a das Margaridas que marcham a partir da Terra e dos saberes do campo, que se adquirem no cotidiano da vida.

Isto me traz à memória um poema de Agostinha Vieira de Melo, uma contemplativa profundamente profética.

### “SUSPEITA DE UMA PASSARINHA”

... *“Quando cresce torna-se a maior de todas as hortaliças, e as aves do céu se abrigam nos seus ramos”* (Mt 13,32)

*“Todos esses que aí estão atravancando o caminho... passarão... Eu passarinho”* (Mário Quintana)

Certo, admiro a mostardeira.

De mínima

pequenês

SOBE

teimosa,

sequiosa,

laboriosa,  
ciosa,  
briosa,  
tinhosa,  
ardilosa,  
desejosa,  
pressurosa,  
habilidosa,  
revoltosa,  
contagiosa,  
fervorosa,  
noticiosa,  
carinhosa,  
esperançosa,

E SE FAZ

pé de mostarda,  
braços e mãos abertos  
com as bandeirinhas  
do Movimento CDT  
(Conhecer os Desejos da Terra)...

Admiro a mostardeira  
já com sua copa aberta,  
lona verde de circo estendida  
para risos e prazeres.

Admiro mais ainda  
a mostardeira,  
quando se faz sombra e abrigo  
para a passarinhada da terra.

Na minha passarinhez de passarinha  
pergunto:  
mas se um dia  
os herdeiros do dono do campo  
por idolatria, e já então  
com uma multidão de mostardeiras

instaurarem um latifúndio de mostardas  
apenas parideiras  
para suas sanhas acumuladeiras?

Que será do circo verde  
e das brincadeiras das folhas  
equilibristas,  
e das moças do trapézio,  
e dos risos  
e dos gemidos inenarráveis  
das passarinhas sem pão,  
irmãs das irmãs e dos irmãos-sem-terra?

Que será da passarinhoz  
das passarinhas  
que voam e pousam na vida,  
equilibrando ecologicamente  
gineceus e androceus?  
O que será, que será?

Aí vai se dar um jeitinho...  
(E já começou)  
em novos grãos... de novas mostardas!

# AFINAL, QUEM FOI MARIA MADALENA? MADALENAS DE ONTEM E DE HOJE

**Laura Vicuña Pereira Manso**

... Vê se existe alegria maior  
Madalena ver-te nesse amanhecer!  
(Jorge Trevisol e Karla Fioravante)

## INTRODUÇÃO

Somos Todas Madalenas: Madalenas de ontem e de hoje, com este tema evidenciamos a força da mulher em gerar a vida, em defendê-la até as últimas consequências. Estamos redescobrimo a figura de Maria de Madalena, como uma mulher forte, corajosa, líder e anunciadora de uma nova fé e em pé de igualdade com os outros apóstolos. Ao longo da história, as mulheres mantêm a capacidade de resistência e ressurgência de um novo projeto de vida. O dia de Maria Madalena, 22 de julho, faz a memória de Madalena como a primeira testemunha da Ressurreição, a apóstola dos apóstolos.

Muitas mulheres, como Maria Madalena, anuncia ao povo uma nova possibilidade de vida, onde a morte não tem a última palavra. Trago o testemunho de mulheres, anônimas para o mundo, mas que fizeram o seu povo resistir e recriar a cultura do povo, na luta e defesa da mãe terra.

## SITUAÇÃO DA AMAZÔNIA E DOS POVOS AMAZÔNICOS

Vivemos na Amazônia Brasileira, um momento dramático, inúmeros massacres e atrocidades foram cometidos contra os povos indígenas e os povos amazônicos, e as faltas de políticas públicas para os povos amazônicos: ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e os muitos migrantes, que povoaram esta terra. A pandemia pelo Covid 19, visibiliza para o resto do mundo, o caos na saúde e demais políticas públicas de atenção aos povos amazônicos. Agravando mais ainda, para as inúmeras comunidades indígenas de toda a região da Amazônia, que no passado tiveram sua história, seus projetos de vida interrompidos, pelas epidemias que reduziram muito povos e outros exterminaram; desta forma os territórios ficavam livres para as frentes econômicas e colonizadoras, que sem escrúpulos promoviam uma guerra biológica contra estes povos, com a propagação do sarampo, gripes e outras doenças, que foram letal para os povos indígenas. Hoje são mais de 12 mil indígenas afetados pela covid 19 e mais de 450 óbitos, somente na Amazônia.

## MEMÓRIA

Trago estes dados, para fazer memória de mulheres indígenas, que no passado e no presente defendem os projetos de vida de seus povos. Falo da vida de mulheres, como Katitká Karipuna, uma das cinco sobrevivente do seu povo, que na década de oitenta, foram quase exterminados e continua lutando, para retirar os invasores de seu território. É uma mulher forte, não fala o português, mais quando é necessário defender o seu povo e a sua terra, fala com sua força, coragem e se deixa ouvir. Com sua força, lideranças do povo, chegaram a espaços internacionais: ONU e outros fóruns e também até ao papa Francisco, para denunciar tudo o que vem ocorrendo em seu território.

Não poderia deixar de falar de mulheres forte como Rarekuty Kwazá, Hosana Puruborá, Maria Aikanã e tantas outras, que fizeram seu povo a enxergar um novo amanhecer e garantir um novo projeto de vida, com a demarcação de seus territórios e a revitalização de suas culturas. Não poderia deixar de lembrar de minha mãe, mulher forte e corajosa, que migrou do Nordeste para a Amazônia, em buscar de terra e uma vida melhor. Ela nos ensinou o valor da comunidade eclesial de base e a fazer uma leitura da bíblia, que une fé e vida.

## MINHA EXPERIÊNCIA DE VIDA: A MISSÃO

Por fim, faço uma breve partilha da minha trajetória de vida missão, junto aos povos originários e amazônicos, são mais de vinte anos de vida missão junto aos povos indígenas. Gostaria de partilhar três aspectos de minha vida missão que considero muito importante, para afirmar o que sou hoje. Vim de uma família humilde e que durante toda a vida ocultou sua identidade indígena, por conta do preconceito e da discriminação. Foi o trabalho direto com os povos indígenas e a devastação da Amazônia, que me fez auto afirmar minha identidade indígena kariri.

O estado de Rondônia está totalmente devastado e desmatado pela ação de grupos econômicos e pelo crime organizado, que querem fazer da região uma terra da agropecuária e do agronegócio, deixando um rastro de desertificação, pois a região Amazônica, não pode sobreviver sem a floresta em pé. Nós da Amazônia sabemos que é assim, a floresta e a natureza tem seus encantos e vida própria, por isso, os povos originários e amazônicos souberam e sabem conviver de forma harmoniosa, com essa biodiversidade, respeitando os ciclos amazônicos.

No estado de Rondônia, estão presente 60 povos indígenas, 15 povos livres/isolados, com uma diversidade cultural e linguística ímpar. Apenas 20 terras indígenas são demarcadas e muitos povos, que eram considerados extintos pelo estado brasileiro, autoafirmam a sua identidade indígena e exigem do estado brasileiro o seu reconhecimento étnico e territorial.

Faço esta breve introdução, para situa-los de onde falo e a partir de quais vivências partilho a minha experiência de vida missão e ação missionária.

A partir da experiência de vida missão, com o povo Karipuna, trago o esforço, a luta e o trabalho em defesa da Terra Indígena Karipuna, que é demarcada e homologada e que mesmo assim, sofre inúmeras invasões. Defender o território Karipuna, constitui-se hoje, a defesa dos direitos garantidos e assegurados na Constituição Federal do Brasil. O povo Karipuna, trinta anos atrás sofreu quase um extermínio, ficaram apenas 8 pessoas, cinco adultos e três crianças. Hoje o povo vive a eminência de um genocídio, pela ação ilegal de grupos econômicos e políticos, que querem se apossar de suas terras.

Em 2017, fizemos juntamente com o povo Karipuna uma caminhada a pé pelo território, localizando e registrando com coordenadas geográficas e imagens, os pontos de invasão do território. Nos anos seguintes, foram mais de 150 quilômetros caminhados, para continuar com o mesmo trabalho e assim, ter elementos e provas necessárias, para fazer incidências políticas em nível nacional e internacional, cobrando providências na retirada dos invasores e punição para os mesmos civilmente e criminalmente. Não faltou a perseguição e as ameaças de mortes para o povo Karipuna, missionários/as e aliados.

A situação de invasão da T. I. Karipuna é emblemático, pois ali os ruralistas tentam enraizar a posse ilegal na terra indígena fazendo uso da estratégia do fato consumado. Caso consigam se estabelecer na Terra Indígena Karipuna, certamente buscarão expandir essa estratégia para outras terras indígenas já demarcadas nas demais regiões do país. A invasão, o desmatamento e o esbulho possessório contra os Karipuna têm uma relação estreita com a política indigenista e ambiental do governo brasileiro e com as diversas iniciativas da bancada ruralista no Congresso Nacional que visam a desconstituição da Constituição Federal.

É verdade, a Amazônia é bela, rica e plural, mas tem um sistema complexo e frágil, para ela viver é preciso que seja respeitada suas florestas, sua fauna, suas águas e sobretudo, os povos originários e amazônicos, que, milenarmente, souberam conviver de forma harmoniosa com o meio ambiente.

Faço um grande pedido a vocês: “Multipliquem este clamor. Por favor, nos ajude a defender e proteger a terra, nossa casa comum, única morada que temos.

O sínodo da Amazônia visibilizou a realidade que vivemos na Amazônia, a defesa da vida, da terra e dos direitos dos povos originários e amazônicos. A igreja assume ser aliada dos povos indígenas e amazônicos. Fazer parte da Comissão pós-sinodal e da Conferência Eclesial da Amazônia Eclesial da Amazônia, é uma grande responsabilidade, sobretudo, em fazer ouvir a voz dos povos amazônicos e originários, a partir de uma mirada de mulher, indígena e religiosa.

## A MAIS QUERIDA AMIGA DE JESUS

Maria Clara Lucchetti Bingemer

*Depois de amanhã, quando acabar o Sabá, as mulheres de Galiléia voltarão ao sepulcro de José de Ramata, onde deixaram Jesus sepultado... E encontram-no aberto, encontram-no vazio!... "Desapareceu, não está aqui!..." Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém – "ressuscitou, ressuscitou!" E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!*

*Eça de Queiroz*

*"A Relíquia"*

### MARIA DE MAGDALA, A MELHOR AMIGA DE JESUS

Jesus é alguém que sempre tratou muito bem as mulheres, chegando a ser uma exceção em sua época e sociedade patriarcais. Assim é que o vemos cercado e seguido por mulheres, que inclusive o ajudavam com suas posses (Lc 8,1 ss). Teve também amigas próximas e queridas, como Marta e Maria, irmã de Marta, ambas irmãs de Lázaro e o quarto evangelho diz que ele as amava. (Jo 11,5)

Mas a mais querida amiga de Jesus é Maria, uma mulher de Magdala.<sup>1</sup> Ela tem um lugar especial em seu coração e no grupo de discípulos. Ela nunca aparece, como outras mulheres, ligada a um homem. Madalena é de Jesus. Ela o segue fielmente do início até o fim, liderando o resto dos discípulos e discipula ela mesma. Ela é certamente a primeira a encontrar Jesus ressuscitado, embora Paulo não lhe dedique uma única palavra em sua lista de testemunhas da ressurreição.

Maria nasceu em Magdala, a antiga Tariquea, uma cidade localizada às margens do lago Genesaret, a cerca de cinco quilômetros ao norte de Tiberíades, famosa por sua indústria de peixes salgados e conservados. Jesus passou por Magdala quando foi de Nazaré a Cafarnaum. Sabemos quase nada sobre a vida de Maria. Recebemos apenas uma breve referência que, no entanto, lança alguma luz sobre o seu relacionamento com Jesus. Ela era uma mulher possuída por espíritos malignos e Jesus a curou expulsando sete demônios que a atormentavam. Este fato foi o começo de tudo. Antes de encontrar Jesus, Maria viveu completamente desorientada, internamente devastada, sem poder alcançar e assumir sua própria identidade, vítima indefesa das forças do mal que a destruíam. Não conhecia o que seria um viver sadio e pleno.

E como sete, na Bíblia é número de perfeição e totalidade, podemos imaginar ou afirmar que essa mulher estava totalmente destruída como ser humano quando Jesus de Nazaré cruzou seu caminho e a tratou com respeito e amor. Não admira, portanto, parte integrante do grupo de pessoas que, juntamente com os discípulos, seguiu Jesus

---

1. Seguimos nesta convicção o que desenvolve José Antonio Pagola, *Jesus, uma aproximação histórica*, Petrópolis, Vozes, 2014, capítulo 8: Amigo da mulher. O que se segue nesta primeira seção do texto deve muito a sua elaboração.

desde a Galileia. As narrativas, porém, que se possui no NT são apenas estas mencionadas.

Encontrar Jesus é para Maria começar a viver. Pela primeira vez, ela conhece um homem que a ama por si mesma, com o amor e a ternura de Deus. Nele, ela descobre seu centro e seu norte, o rumo de sua vida. A partir de agora, não saberá viver sem ele. Em Jesus, ela encontra tudo de que precisa para ser uma mulher saudável e viva. Dizem que outros deixaram tudo para seguir a Jesus. Maria não tinha nada para deixar para trás, a não ser seus sete demônios dos quais o Rabi de Nazaré a libertou. Jesus é o único que pode fazê-la viver. Um homem nunca a abordou assim. Ninguém olhou para ela dessa maneira. Ela passou muitos anos no escuro, privada das bênçãos de Deus. Agora ela se sente mais perto do que nunca, graças à presença curativa de Jesus.

Segundo a tradição cristã expressa e consignada no Novo Testamento, Maria é a primeira a encontrar o ressuscitado e a comunicar sua experiência aos discípulos, que não lhe dão nenhum crédito. O Ressuscitado apareceu pela primeira vez a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios. Ela foi comunicar as notícias àqueles que moravam com ele, tristes e chorosos. Quando souberam que ele vivia e por ela fora visto, não acreditaram nela. O evangelista João nos dá um relato cuidadoso do encontro de Madalena com o Ressuscitado.

A fim de captar bem o alcance deste encontro, há que avaliar o que foi para Madalena a morte de Jesus na Cruz. Para uma mulher tão apaixonada por Jesus como Maria, sua execução foi traumática. Eles mataram quem era tudo para ela. E ela não conseguia parar de amá-lo; apegou-se muito, infinitamente a sua pessoa. Por isso quando não encontra o cadáver, se desespera, pois sente que precisava segurar pelo menos seu corpo morto. Talvez um medo a tenha assaltado: sem Jesus poderia cair novamente sob a sombria opressão das forças do mal. Por isso olhou para o túmulo vazio, mas o vazio que encontrou em seu próprio coração foi ainda maior. Jamais havia sentido uma solidão tão profunda. Quando Jesus aparece diante dela, Maria, cega pela dor e pelas lágrimas, não consegue reconhecê-lo. Jesus a chama com a mesma ternura que colocou em sua voz quando ambos caminhavam pela Galileia Miriam, Maria. Maria, ao ouvir seu nome, rapidamente exclama: Rabbuní, meu mestre!

Essa mulher que não poderia viver sem Jesus é a primeira a descobri-lo cheio de vida. Uma nova vida começa para Maria. Podia seguir seu amado Mestre novamente, mas não seria mais como na Galileia. O ressuscitado a envia para seus irmãos: *Vai a meus irmãos e diga-lhes: Eu subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.* Maria terá que aprender a abraçá-lo em seus irmãos e irmãs enquanto comunica a eles que não há mais abismo que se interponha entre Deus e os homens. Unidos a Jesus, todos têm Deus como Pai.

Maria não foi esquecida entre os primeiros cristãos. Nos cenários gnósticos dos séculos IX e X, era retratada como uma mulher que havia entendido completamente o mistério de Jesus e o havia transmitido aos discípulos, embora Pedro e outros não aceitassem ter que ouvir uma mulher sobre segredos que não conheciam. Nesses escritos,

os episódios são narrados e são expostos discursos que só podem ser interpretados corretamente de acordo com as doutrinas gnósticas. É um erro atribuir-lhes um caráter histórico, embora provavelmente reflitam a importância que Maria Madalena tinha nesses ambientes como intérprete autorizada de Jesus. Igualmente se pode adivinhar a rivalidade que certamente existia, mais do que entre Pedro e Maria, entre os grupos que os escolheram como protótipos e representantes de suas próprias posições. Pedro era o chefe do colégio apostólico, mas Maria, como mulher em uma sociedade patriarcal, jamais poderia ser considerada assim. Predominou na história a liderança de Pedro.

É conhecido o desenvolvimento ficcional de obras recentes que tornam Maria Madalena a parceira sexual de Jesus. Os dois textos utilizados são retirados do Evangelho [apócrifo] de Filipe: “Havia três mulheres que sempre iam com o Senhor: Maria, sua mãe, irmã [de sua mãe] e Madalena, que era chamada de companheira, porque Maria era sua irmã, mãe e parceira... Quanto à sabedoria, que é chamada de estéril, ela é a mãe dos anjos e companheira do Salvador, Maria Madalena. Cristo a amava mais do que o resto dos discípulos e costumava beijá-la na boca com frequência.”

Não é científico nem honesto ler esses textos de maneira fundamentalista, sem analisar o significado gnóstico do beijo sagrado como sacramento da reunificação de homem e mulher em Cristo e sem estudar a apresentação de Maria Madalena como personificação da Sabedoria.

Começando especialmente no século IV, a imagem de Maria Magdalena mudará rapidamente. Gregório de Nissa e Agostinho de Hipona vão defender que Maria foi a primeira a receber a graça da ressurreição de Jesus, porque a mulher foi a primeira a introduzir o pecado no mundo. Logo Maria é confundida com a pecadora que entra no banquete no relato em Lucas 7, 36-50, tornando-se e imortalizando-se na piedade popular assim como uma prostituta. A lenda que denigre sua memória crescerá. Hierarcas, teólogos e artistas, todos homens, tornarão Madalena uma mulher lasciva e sensual, possuída pelos sete demônios ou pecados mortais. Só mais tarde, arrependida e perdoada por Jesus, ela dedicará toda a sua vida a fazer penitência. A Igreja Oriental não conhece essa imagem falsa e lendária de Madalena, prostituta e penitente. Ela sempre a reverenciou como seguidora fiel de Jesus e uma testemunha eminente do Senhor ressuscitado.

## **MARIA MADALENA: FIGURA ICÔNICA PARA A MULHER HOJE**

Não sou eu quem digo e sim Eça de Queiroz, o grande escritor português que se destacou por, além de seu gênio incontestável, apresentar em seus escritos um impiedoso anticlericalismo. Em seu livro *A Relíquia*, Eça fala pela boca de um historiador em Jerusalém:

*Depois de amanhã, quando acabar o Sabá, as mulheres de Galileia voltarão ao sepulcro de José de Ramata, onde deixaram Jesus sepultado... E encontram-no aberto, encontram-no vazio!... “Desapareceu, não está aqui!...” Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém – “ressuscitou, ressuscitou!” E assim o amor de uma*

*mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!*

Parece incrível que o tresloucado amor de Maria de Magdala - mais conhecida como Maria Madalena - pelo Nazareno crucificado tenha conseguido esse feito: mudar o mundo e inaugurar uma nova religião. E, no entanto, se lemos bem o Evangelho, sobretudo o de João, poderemos ver que assim é a narrativa.

A desolação reinava entre os discípulos. O Mestre fora morto, executado, deixara um vazio impossível de preencher e a esperança jazia inerte no chão. Maria de Magdala chega, então, com a boa nova, o evangelho, a boa notícia: aquele que vocês viram morto está vivo. Ressuscitou!

Não acreditaram nela mas foram ao sepulcro. E o encontraram vazio, em uma ausência grávida da presença pascal daquele que teriam agora que reconhecer de outro modo. A desolação foi dissipada pela esperança renascida e pelas manifestações do Ressuscitado, que confirmariam o anúncio da mulher crente e apaixonada.

Antes da experiência que mudaria a vida dela e de todos, Maria, a de Magdala, também experimentava profunda tristeza. Foi ao túmulo de manhã cedo, apressada e com o coração batendo disparado. Queria homenagear aquele que amava tanto, prestar-lhe cuidados e ungir com perfume seu corpo morto.

Porém, no jardim onde estava o túmulo no qual o haviam enterrado não havia nada, a não ser silêncio e ausência. O túmulo vazio doía mais do que a visão do cadáver que esperava encontrar. E Maria chorou desconsolada. Ao jardineiro que lhe perguntou a razão do pranto, explicou que haviam tirado o seu Senhor e não sabia onde o haviam posto. E pediu: Senhor, se foste tu que o levaste, diz-me onde está que irei buscá-lo.

Ah, a força do amor de uma mulher. Não há impossíveis para ele. Ao longo da vida vimos mães que curam filhos desenganados por médicos; esposas que trazem de volta à vida seus companheiros mergulhados na depressão ou em paralisias várias; amantes capazes de atravessar estepes nevadas ou desertos escaldantes em busca do encontro com aquele que seu coração deseja.

Não havia obstáculos para Maria naquele momento. Ela iria até o fim do mundo para encontrar seu amado. Bateria em todas as portas, enfrentaria qualquer autoridade, civil ou religiosa, nenhuma intempérie seria dura demais para seu coração apaixonado.

No entanto, não foi preciso, pois o amado em pessoa veio ao seu encontro e disse seu nome: Maria. E ela respondeu: Mestre. Como não gritar então pelas ruas de Jerusalém? Como não proclamar aos quatro ventos que ele ressuscitou? Como não anunciar que a esperança pode renascer e a alegria reinar, pois não é mais necessário buscar entre os mortos aquele que está vivo?

Assim é a história dessa mulher, apóstola dos apóstolos, primeira testemunha da Ressurreição, que inaugura um novo tempo na história da humanidade. Em uma sociedade patriarcal, onde as mulheres não podiam sequer testemunhar em processos jurídicos por não ser válido seu testemunho, Maria de Magdala, de quem Jesus havia expulsado sete demônios, abriu a boca e falou sobre o que viu e ouviu. E seu testemunho mudou a face

do mundo.

Creram nela e repetiram e difundiram seu anúncio. E depois muitos e muitas creram neles, que finalmente a ouviram, transformados que foram de discípulos em apóstolos. E creram por causa dela. No dia 22 de julho, a Igreja celebra seu dia, que o Papa Francisco elevou à categoria de Festa para sublinhar sua importância no culto e na liturgia. Justo e razoável é celebrar com festa aquela que foi a maior amiga de Jesus.

# PRECISAMOS FALAR DE ORIXÁ FEMININO: AS DEUSAS EMPODERADAS

Maria Elise Gabriele Baggio Machado Rivas<sup>1</sup>

Há cerca de oito anos publiquei com meu filho de santo um texto sobre teologia da tradição oral na renomada revista *Pistis & Praxis* de cunho teológico pastoral. O texto, intitulado “Teologia da tradição oral: uma questão para as religiões afro-brasileiras” (CARNEIRO; RIVAS, 2012), problematizou o saber teológico a partir da oralidade como método para melhor compreensão do cenário religioso afro-brasileiro.

Discutimos à época – e continuo me posicionando atualmente sobre o tema – que o conhecimento teológico não pode ser hierarquizado quando comparamos oralidade e escrita. Ambas as formas são métodos de produção do saber humano.

Entretanto, é justo reconhecer que seus elementos e formas de elaboração são certamente distintos. Questões como fé, razão, espaço e tempo são observadas de um outro ponto de vista. Na teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras, inaugurada pelo pensador e sacerdote F. Rivas Neto, entram no jogo da compreensão do saber religioso o tempo mítico (circularidade), a ancestralidade (primordial), a senioridade, a memória (inconsciente), a linguagem simbólica (sentidos) e a comunidade (CARNEIRO; RIVAS, 2012).

A ideia não é racionalizar esses elementos para poder explicá-los. Pelo contrário, é interpretar a realidade a partir deles. Como exemplo, é possível citar a irracionalidade e o candomblé. No contexto das religiões afro-brasileiras, mais do que racionalizar a irracionalidade de um ritual de candomblé, a teóloga procura depreender a sabedoria ancestral que existe a partir dele – o irracional – e como se aplica nas múltiplas realidades do indivíduo ao considerar a dimensão circular do tempo.

Ainda assim, cabe problematizar a questão da tradição escrita e oral. Tema sobre o qual me debruço desde o início do meu engajamento na produção teológica afro-brasileira, há quase vinte anos.

A tradição oral das religiões afro-brasileiras não “inspira” confiança no povo ocidental, não pelo fato de ser falada, mas por ser um método que está fora do *status quo*<sup>2</sup>. Isto se faz presente num adágio popular que diz: “o que ele fala não se escreve”, desacreditando esse método. Compreender o método da tradição oral, das religiões afro-brasileiras, requer uma reformulação de pontos fundamentais presentes no imaginário ocidental. A sociedade moderna tem

1. Sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora e mestra em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em Teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Diretora presidente do conselho da revista *Estudos afro-brasileiros*, autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

2. Na primeira edição da revista *Estudos afro-brasileiros*, escrevi um artigo, intitulado “Entre teologias e preconceitos”, em que abordei, entre outros temas, a relevância da teologia da tradição para a teologia afro-brasileira e o preconceito que subjaz a essa desconfiança (RIVAS, 2020).

sua referência histórica nas religiões abraâmicas, que preconizam a tradição escrita, pela qual temos profundo respeito e sabemos ser o norte de milhões de pessoas no planeta .(CARNEIRO; RIVAS, 2012, p. 611)

Ocorre que o ser humano se comunica o tempo todo. E a oralidade, que não está restrita ao ato de falar, mas também de silenciar-se, gesticular-se, predomina sobre a escrita na comunicação cotidiana. Ao entender que as religiões afro-brasileiras afrouxam os limites do sagrado e profano, do espaço religioso e social, natural se torna o fato de adotar a oralidade como fonte primária de produção do saber religioso e teológico. Viver a vida do santo torna-se um sinônimo de viver a vida.

Naturalmente, essa é uma variável da ética afro-brasileira. As comunidades de terreiro mais próximas das influências cristãs terão comportamentos mais afins às comunidades católicas ou centros espíritas. Já naquelas que são mais africanizadas prevalecerão os hábitos e costumes ensejados pela tradição oral. Toda pesquisa leva em consideração essa diversidade do campo, mas nós, que somos das religiões afro-brasileiras, temos tais parâmetros da diversidade como regra. Porque não são comunidades diferentes sob um mesmo texto bíblico. São comunidades diferentes com referenciais diferentes. Ainda assim, estão sob elementos comuns da oralidade. Vide a proposta de Vertente Una do Sagrado citado por F. Rivas Neto (2012).

## **O PRAZER DE CONTAR SOBRE AS IYABÁS**

Para este texto, como se pode observar, escolhi fazer uma pequena narrativa sem tantos rigores da linguagem acadêmica e entremear com um diálogo com minhas interlocutoras e meus interlocutores. Devido a minha pertença religiosa e formação acadêmica, eu não consegui me adequar nem me sentir Maria ou Madalena, logo, não me identifico com os arquétipos (JUNG, 2000) da religião cristã.

Sei que esta minha frase causará estranhamento, mas há especificidades que envolvem as religiões afro-brasileiras (de ancestralidade africana e indígena) que rompem com a dualidade arquetípica de Maria e Madalena que preciso colocar. Venho de uma religião, candomblé ketu e também umbanda, em que há divindades masculinas, femininas e meta-meta que denominamos Orixá. Entendemos essas divindades com poderes divinos próprios e interdependentes. E, neste momento, gostaríamos de destacar as divindades femininas.

Já entramos em uma questão deveras importante, pois há divindades femininas. Há Deusas!? Sim, Deusas são cultuadas, amadas e detentoras de sabedorias divinas. Estas divindades femininas não têm um único arquétipo, e sim representam uma imensa gama de comportamentos e todos eles de igual importância, assim como os masculinos e meta-meta. O feminino tem destaque na cosmovisão das religiões afro-brasileiras. São divindades com múltiplas características sem a polarização entre Marias e Madalenas como na religião cristã. Há uma outra interpretação da cosmovisão.

Temos divindades femininas que se casam, que não se casam, que têm muitos companheiros, que não têm nenhum companheiro, que são mães, que não são mães, que são jovens sábias, gordas e magras, que são velhas sábias, gordas e magras, sejam “feias” ou “bonitas”, que são jovens e velhas “caseiras” ou “aventureiras”, sensuais e livres, assexuadas, guerreiras, caçadoras, feiticeiras, algumas abandonam filhos(as), outras cuidam de filhos(as), adotam filhos(as), são amantes etc.

Todas, em igual medida, contêm e detêm o poder Divino. Existem divindades femininas no seio do candomblé e da umbanda e elas são fortes e evidenciam uma maior equidade nas questões de gênero, o que não significa a isonomia entre os gêneros, mas já aponta uma força feminina ativa. Elas não são forças coadjuvantes, e sim forças divinas estruturantes. Assim, na minha religião de origem afro-brasileira fica muito difícil escolhermos entre sermos Maria ou Madalena por isto e muito mais que estas Deusas representam.

Para além das características arquetípicas associáveis ao que é social, há seus atributos no grande conjunto daquilo que cabe às Deusas. São Divindades femininas responsáveis pela homeostasia do mundo sobrenatural e natural. São seres com poderes e responsabilidades atemporais.

Entre elas temos Yemanjá, a criadora de todas as águas do mundo e detentora da força das mesmas, daquilo que é possível ser fertilizado, de fazer nascer e vingar. Por isto é a grande senhora de todas as cabeças (oris), pois a cabeça tem de fazer gerar, crescer e frutificar. A cabeça tem de ter o elemento fundamental, a água, para se manter viva. Yemanjá é considerada a *Íyá ori*, senhora das cabeças, divindade senhora de todas as cabeças existentes, sejam elas femininas ou masculinas.

A ela cabe curar todas as cabeças deste e do “outro mundo” desde os mais poderosos dos Orixás – Oxalá – até os seres como nós. Entendamos cabeças como a fonte e assentamento da força espiritual presente em todos os espíritos. A cabeça, nos mitos iorubas, é a primeira a ser criada e a única que nos acompanha pela eternidade. Logo, está ligada ao início da existência espiritual e toda a sua trajetória. Yemanjá, uma divindade feminina, zela pela parte nobre de nossa essência espiritual. A mãe de todos os Orixás.

Mas também temos a força de Nanã, senhora da vida e da morte. Aquela que domina a matéria-prima primordial que permitiu que toda a vida tivesse existência, o barro (*amò*). O barro que foi cedido a Oxalá para estruturar os corpos dos seres humanos quando Oxalá não mais sabia como fazê-los após várias tentativas. Sem Nanã, a vida manifesta em corpo não seria possível. Por isto ela é velha (*agbà*),<sup>3</sup> a mais antiga que come com Oxalá, ligada

---

3. *Agbára* é palavra iorubá e significa força, poder, energia (YAI, 1996, p. 19, 139, 197). Seus registros mais antigos encontramos em dicionário da Church Missionary Church (sociedade missionária da Igreja), de 1913, às páginas 9 e 10, como “power”, “authority”, “strength”, ou seja, “poder”, “autoridade”, “força”, bem como habilidade, dom, essência, entre outros; em dicionário de 1858, em que o missionário e reverendo Bowen (1858) traz “strength” e “violence”, à página 10, “força” e “violência”; e, por fim, no primeiro dicionário escrito do iorubá, do Reverendo Samuel Crowther, de 1852, à página 13, encontramos “strength, might, ability”, isto é, “força, poder, habilidade”, bem como pode ser uma espécie de corda usada para amarrar vigas. Não queremos aqui fazer análises linguísticas, porém podemos encontrar em *Agbára* semelhança com *Agbá*, que Crowther dá como “adulto” e “masculinidade”, porém parece estar em *lyába*, das *lyábás*,

aos primórdios da vida.

O barro de Nanã é a estrutura fundamental para a base da existência. Oxalá serviu-se do barro de Nanã, mas dele não é dono. Nanã é a divindade ligada ao princípio da vida, mas também da morte, pois a Ela tem de ser devolvido o “barro”/corpo usado. A ela o barro deve ser restituído. Conhecida por ser a mãe de Iku, um filho querido, o Deus da morte, que é responsável por devolver a Ela os corpos/barro. Nanã também é conhecida por seu desapego aos filhos(as), mas, como a mãe do barro primordial, se ela mantivesse apego, nenhum corpo seria entregue ao mundo. Seu desapego é o que permite a vida.

Oxum talvez seja uma das deusas mais conhecidas pelo mundo ocidental. Conhecida por seus encantos e “seduções”. Oxum é conhecida como a beleza gorda, que para os africanos significa fartura. A fartura de Oxum e sua sedução se encontram em sua capacidade de fazer nascer para a espiritualidade e sua capacidade de acompanhar destino, bem como produzir axé. Oxum é a grande mãe de todos(as) os(as) nascidos(as). Sejam nascidos(as) para a vida em corpo ou nascidos(as) para a iniciação.

Ela é patrona e a grande guardiã do nascimento e da infância física e espiritual. Oxum também é a patrona dos jogos oraculares. Ela está presente nas mesas de jogo que definem os destinos por sua ligação com a vida. Dar destino, por meio do jogo, é fazer nascer, e fazer nascer requer cuidados. Oxum também é a patrona das cozinhas de santo, locais por excelência da produção de axé. Axé é vida ativa e atuante. Por isto Oxum é conhecida como a mais presente e sedutora dos Orixás, pois há muito desejo pela vida, pelo destino e pela atualização do axé.

A poderosa Oyá ou Iansã, senhora dos ventos e dos raios, mas também das águas, pode se transformar em búfala ou borboleta, demonstrando, simbolicamente, que a suavidade e a agressividade estão contidas em sua força divina. A mais livre de todas as Iyabás é responsável por carregar para longe a morte ou controlar os mortos e a força oriunda deles. Oyá ou Iansã é o símbolo da força do poder Divino em sua face de construção ou destruição, mas também da independência desta força. Ninguém prende o vento... Ninguém prende o raio. Ela simboliza o espírito e a espiritualidade em todos os planos de existência (nove oruns) e por isto leva o nome de *Iya mezan orun*. “O espírito

---

as “senhoras”, as “mais velhas” como referimos anteriormente. No entanto, dissemos, quanto à Obra de Crowther, ser o primeiro dicionário *escrito*, porque tínhamos certamente – como hoje ainda resistem – dicionários vivos que eram as mais velhas, os mais velhos, os sábios e sábias que por meio da tradição oral transmitiam saberes, práticas, estilos de vida. A escrita do dicionário iorubá representou, entre tantos, mais um sequestro da cultura africana sob o jugo da cultura ocidental europeia (assim como Ajayi fora sequestrado). E é por isso que muitos dos *orins* ou músicas sacras do candomblé são dificilmente traduzidas com o auxílio desses dicionários: somente os terreiros, como locais de resistência, mantiveram sentidos que poderiam não ser convenientes à cultura invasora e escravocrata, sentidos de sobrevivência, incompreensíveis e até chocantes. Cumpre aqui, ainda, sobre o Reverendo Crowther, citar artigo de Antonio Luz intitulado “Exu: nem diabo, nem demônio” (2015, p. 110), em que versa brevemente sobre este que foi o primeiro bispo africano, Ajayi, nascido em Osogun, no estado de Oyo: “A criação e construção de um idioma ioruba romanizado foi a principal estratégia e tarefa a que se propôs The Church Missionary Society for Africa and the East, na disputa pelo mercado religioso com os islâmicos, na África Ocidental [...] mais tarde chamado Samuel Ajayi Crowther. Liberto, educado e convertido, foi o membro destacado na equipe de tradutores e linguistas que viabilizaram aquela tarefa [a tradução da Bíblia], sendo o principal contato com sacerdotes locais e islâmicos para lograr o primeiro dicionário iorubá romanizado, no ano de 1852, ainda com muitos empréstimos árabes e hauçás.”

sopra onde quer”, e assim é Oya/lansã a própria força do espírito em toda a sua liberdade de se construir ou destruir, bem como raio que desce do *orùn* (céu) trazendo a luz espiritual. Mais uma vez: as forças da “búfala” e da “borboleta” dialogam.

Obá, a senhora guerreira, feiticeira, caçadora, cozinheira e exímia administradora do lar. Conhecida como a senhora de Elekô, uma sociedade de mulheres. Obá é uma personalidade controversa, pois, ao mesmo tempo que tem excelência em tudo que faz, é profundamente dependente do amor de Xangô, amor este nunca alcançado em sua plenitude.

Ewá é a grande caçadora jovem e solitária que por onde caminha produz uma névoa. Exímia caçadora, ela domina os interstícios da mata onde anda e envolve tudo com sua névoa. A “névoa” de Ewá representa o lado indefinido e oculto de nosso inconsciente. E nosso inconsciente profundo é onde se encontra a nossa origem espiritual (RIVAS NETO, 2017). Sua arte de caçar na névoa está atrelada a nossa capacidade de fazer destino, de buscar compreender mesmo com dificuldades nossos caminhos espirituais guardados em nosso inconsciente. Ewá é a senhora da névoa, do inconsciente, dos “locais” pouco dominados pelo consciente. “Local” por excelência das probabilidades e incertezas, portanto, das coisas a serem tratadas com o cuidado de quem vê parcialmente a realidade. Ela se fez cúmplice do destino ao esconder Orumilá (Orixá do destino) sob suas saias livrando-o de um destino nefasto traçado por Iku, o Deus da Morte. Ela, por sua ligação labirintada com Orumilá, fez nascer dois caminhos, dois destinos de um único ventre, as divindades Ibeji, os gêmeos míticos. Concebeu os gêmeos divinos, muito parecidos, mas que, por mais semelhança que possam ter, não são os mesmos, assim como é o destino com seus detalhes não revelados, que podem nos enganar. Ewá é a guerreira e sentinela que vela pela espiritualidade enevoada, mas presente em nosso inconsciente.

Quem não precisa de Iya Ori, a senhora das cabeças? Quem não precisa do barro ancestral de Nanã? Quem não precisa da fertilidade e magia de Oxum? Quem não precisa do lado borboleta e búfala em várias situações da vida representado por Oya/lansã? Quem não precisa lidar com o inconsciente e com o lado misterioso de Ewa? Quem não precisa da força da maior das guerreiras que é Obá?

Simplemente precisamos e cultuamos todas nas religiões afro-brasileiras. Elas são Orixá que contemplam, em certa medida, a diversidade possível para as mulheres e ao mesmo tempo são a expressão de seu empoderamento. Não há um modelo, e sim modelos de mulheres. Não há escolhas de modelos, e sim devoção às mais diversas expressões das Deusas-Orixás.

As Iyabás, Orixás femininos, as grandes senhoras Divinas, dançam no xirê (AMARAL, 2002), em roda, junto aos deuses masculinos, porque para nós os Deuses e Deusas são imprescindíveis e são forças vivas do Divino e da natureza. No xirê não há quebra, há movimento contínuo e interdependente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos nossas breves reflexões como iniciamos: precisamos falar de Orixá feminino. Em algumas religiões afro-brasileiras, pelas influências indo-europeias, algumas delas foram silenciadas, como em algumas umbandas, por exemplo, em cujas sete linhas Yemanjá figura única, ou assim parece. No entanto, como já falei de voz viva, no terreiro e nas mídias sociais, outras Deusas se fazem presentes nos pontos cantados e, por consequência, do movimento e do imaginário, da tradição dessas manifestações religiosas.

E precisamos falar sobre elas nas duas acepções do termo, não apenas por meio da fala, da voz, como também da escrita, enquanto houver preconceito e misoginia, enquanto homens se sentirem constrangidos por ter na cabeça uma Deusa. *Per se* este é um ato de resistência, pois, em uma sociedade que ousa desrespeitar Deusas, o que não se faz contra suas filhas?

Nesse sentido, não podemos deixar de traçar um paralelo com a mulher negra em nossa sociedade. Ela ocupa o subsolo das relações sociais: possui os menores salários e os subempregos, e indubitavelmente a raiz dessa desigualdade deriva do racismo aliado à misoginia. Sim, corpos negros, sobretudo corpos de negras fazem parte do imaginário social, aliás, o corpo da mulher é chocante demais, a ponto de ser preciso diluir sua negritude em eufemismos, tanto para a cor da pele como para a coisificação sexual a que elas foram submetidas: na bela e alegre mulata. Pseudo disfarce que se tenta utilizar para esconder a crueldade do hediondo racismo e de um sem-número de estupros inumeráveis e irrastráveis. Sobre essa erotização do corpo da mulher negra na figura da mulata já discorreremos amiúde em outra oportunidade (RIVAS, 2017).

Se o corpo da mulher negra pode ser chocante para a sociedade, sobretudo em seus meandros racistas, misóginos, resultado de dominação indo-europeia, então as Deusas, para além dos arquétipos, em suas variadas belezas, violências e saberes, que atravessaram milênios de opressão, são ainda mais chocantes, pois são poderosas e falar sobre elas resgata o poder que delas emana e jamais será silenciado.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. *Xirê! O modo de crer e de viver do candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

BOWEN, T. J. *Grammar and dictionary of the Yoruba language*. With an introductory description of the country and people of Yoruba. New York: D. Appleton & Co., 1858.

CARNEIRO, J. L.; RIVAS, M. E. Teologia da tradição oral: uma questão para as religiões afro-brasileiras. *Ver. Pistis Prax.*, Teol. Pastor., Curitiba, v.4, n.2, p. 609-624, jul./dez. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/revistapistispraxis.6116>.

CHURCH Missionary Society. *A dictionary of the yoruba language*. Lagos: Church Missionary Society Bookshop, 1913.

CROWTHER, S. *A vocabulary of the yoruba language*. Together with introductory remarks of Ver. O. E. Vidal. London: Seeleys, 1852.

JUNG, C. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUZ, A. Exu: nem diabo, nem demônio. In RIVAS NETO, F. *Exu e pombagira*. São Paulo: Arché, 2015, p. 105-130.

RIVAS, M. E. Entre teologias e preconceitos. *Estudos Afro-Brasileiros*, v. 1, n. 1, p. 57-84, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.37579/eab.v1i1.4>.

RIVAS, M. E. *Tem mulher na macumba “sim sinhô”*: as mulheres negras na macumba religiosa e musical carioca entre 1870 e 1930. 2017. 266 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

RIVAS, M. E. Nem Maria, nem Eva, apenas pombagira. In RIVAS NETO, F. *Exu e pombagira*. São Paulo: Arché, 2015, p. 77-90.

RIVAS NETO, F. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché, 2012.

RIVAS NETO, F. *Candomblé: teologia da saúde*. Itanhaém: Aláfia, 2017.

YAI, Olabiyi Babalola. *Yoruba-English, English-Yoruba concise dictionary*. New York: Hippocrene, 1996.

# BENÇÃO DAS MULHERES

Silvana Venâncio

*“Que o Deus de Eva te ensine a discernir entre o bem o mal.*

*Que o Deus de Agar te console e a todas as mulheres que se sentem sozinhas no deserto da vida*

*Que o Deus de Miriam te faça instrumento de libertação.*

*Que o Deus de Débora te conceda a audácia e a coragem de lutar pela justiça.*

*Que o Deus de Ester te conceda fortaleza para enfrentar os poderosos em favor do povo exilado.*

*Que o Deus de Maria de Nazaré abra teu coração para que possas receber com alegria a semente Daquele que vive para sempre.*

*Que Jesus, que falou à Samaritana tudo o que ela tinha feito, te faça evangelizadora de teu povo.*

*Jesus, que curou a mulher encurvada, te liberte juntamente com todas as mulheres oprimidas pelas tradições religiosas e culturais.*

*Jesus, que deixou ungir a cabeça por uma mulher, te conceda ser profetiza para reconhecê-lo como Senhor e Messias.*

*Jesus, o amigo de Maria Madalena, te envie e, como sua apóstola, possas anunciar a mensagem de libertação a todos os povos.*

*Que o Espírito te consagre para que, em Jesus Cristo, possas anunciar Boas-Notícias aos pobres e a liberdade aos presos.*

*Em nome de Deus que é, que era e que sempre será conosco e com seu povo, Amém!”*

## CONCLUSÃO

A Marcha das Madalenas surgiu da necessidade das integrantes da rede TeoMulher de gerar espaço de debate e reflexão para as sérias questões de gênero hoje enfrentadas pela sociedade, e muitas vezes agravadas por discriminação racial, social, econômica ou cultural. Cada vez mais se fazia necessário, para o grupo, pensar a desigualdade, a marginalização, a dependência e a subordinação imposta a uma imensa quantidade de mulheres nos mais variados setores da sociedade, incluindo, com ênfase, as instituições religiosas.

A pandemia gerada pelo vírus da Covid 19, apesar de exigir uma revisão de nossa proposta inicial, no sentido da necessidade de adequação ao mundo digital, levou-nos a perceber a importância ainda maior desse debate. Naqueles momentos iniciais do alastramento da doença por todo o planeta, já era possível constatar sua consequência na vida das mulheres, principalmente as que, mesmo antes, já viviam em situações de risco. Esta nova realidade de isolamento, caos na saúde, e crise econômica que começava a se construir, deixava claro que a luta, já desigual, pela sobrevivência e dignidade de um imenso contingente de mulheres, só iria aumentar, exacerbando ainda mais as condições de vulnerabilidade de cada uma delas.

Apesar de nosso esforço em fazer a Marcha das Madalenas acontecer, não teríamos logrado êxito no projeto se não tivéssemos contado com o apoio de outras mulheres comprometidas com a mesma causa e que, apesar de todas as dificuldades do momento, aceitaram nosso convite e trouxeram para o debate sua inestimável colaboração. A estas palestrantes que participaram da marcha virtual e que agora participam como autoras deste e-book, o nosso agradecimento pela generosa contribuição para este debate, refletindo nossa presença dentro das igrejas e na sociedade. A disponibilidade, união e representatividade de todas as envolvidas foi fundamental para alcançarmos nosso objetivo.

Queremos com este e-book oferecer subsídios para que mais pessoas despertem para a emergência da questão feminista no âmbito religioso e teológico. Desde meados do século passado, as mulheres vêm rompendo barreiras e conquistando espaço de ação, produzindo teologia de qualidade em um universo que antes lhes era proibido. Assim, esperamos estar contribuindo para que mais barreiras caiam e mais espaço seja conquistado, a fim de que todas as igrejas, templos e espaços de culto tornem-se lugares de esperança, de um mundo melhor, com mais igualdade, justiça e solidariedade.

Para terminar escolhemos, então, deixar para vocês palavras de esperança, que possam animar este tão difícil presente! Palavras que trazem em sua origem, um passado de lutas, e, com certeza, um futuro de vitórias, a partir de sonhos que se tornaram projetos, e não de ser reais, pela nossa união e amor.

Feito por uma poetiza especial, mãe de uma companheira que trabalhou com muito entusiasmo para que esta marcha saísse (Suzi ou Suzana Moreira), este poema traduz o sentimento que nos uniu na “Primeira Marcha das Madalenas”.

## **FRATERNIDADE FEMININA**

(MOREIRA, Maria Teresa C.R, 2021)

*Ganhei irmãs! Fui adotada  
E adotei  
E crescemos no amor!  
Desbravamos estradas  
Percorremos caminhos  
Antigos e novos  
Pertinho ou não  
Mas sempre unidas!  
Com nossas diferenças  
E histórias e partilhas  
Com respeito e tolerância  
Pertinho ou não  
Mas sempre unidas!  
E o sol nasce  
Mais um dia  
Iluminando tudo!*

Em nome de todas as mulheres que participaram da marcha da Madalenas, o nosso carinho.

### **REDE TeoMulher - 2021**

*Cassia Tavares Quelho, Ivenise T. G.  
Santion, Maria Cristina S. Furtado,  
Maria de Lourdes Norberto e Suzana  
R. Moreira*

## SOBRE AS AUTORAS

**ANA ESTER PÁDUA FREIRE.** Reverenda; jornalista, teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião. Ministra ordenada pelas Igrejas da Comunidade Metropolitana. Sócia da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, ABEH, e da Global Interfaith Network, GIN. Membro do Comitê Estadual de Respeito à Diversidade Religiosa de Minas Gerais, CDR-MG (Biênio 2018-2020). Colunista sobre temática LGBTI+ na Revista Senso. Trabalha com temas relacionados à Religião e Sexualidade e, também, Teologia Feminista, Teologia Queer, Teopoética e Teologia Decolonial.

**CÉLIA PATRIARCA.** Nutricionista e Teóloga biblista feminista. Doutora em Educação em Ciências e Saúde. Pesquisadora do Projeto de Extensão CULINAfro (UFRJ-Macaé) e do Grupo de Estudos sobre Desigualdades na Educação e na Saúde (GEDES - NUTES/UFRJ).

**LAURA VICUÑA PEREIRA MANSO.** Religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas; Nascida em Rondônia, trabalha com comunidades indígenas em Rondônia e é membro do CIMI - Conselho Indigenista Missionário, atuando junto ao povo Karipuna.

**MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER.** Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989). É professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio. Durante dez anos dirigiu o Centro Loyola de Fé e Cultura da mesma Universidade. Durante quatro anos foi avaliadora de programas de pós-graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Durante seis anos foi decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violência e espiritualidade. Tem pesquisado e publicado nos últimos anos sobre o pensamento da filósofa francesa Simone Weil. Atualmente seus estudos e pesquisas vão primordialmente na direção do pensamento e escritos de místicos contemporâneos e da interface entre Teologia e Literatura.

**MARIA ELISE GABRIELE BAGGIO MACHADO RIVAS.** Mestra e Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP e sacerdotisa das religiões afro-brasileiras sendo presidenta da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino) instituição das religiões afro-brasileiras. É bacharela em teologia pela FTU, primeira e única instituição de teologia desse segmento, onde ocupou o cargo de vice-diretora. Foi representante no GT do CNE para a formação das DCNs de teologia. Autora das pesquisas de religião e gênero, e publicações na área das religiões afro-brasileiras. Atualmente é diretora e presidenta do conselho editorial da revista internacional Estudo Afro-Brasileiros.

**SILVANA VENÂNCIO.** Bacharel em Comunicação Social (Facha), Licenciada em Filosofia (UFRJ), Bacharel, Mestre e Doutora em Teologia (PUC-Rio). Pastora online do Instituto Amaivos. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião do Seminário Congregacional de São Gonçalo - RJ. Infoprodutora de conteúdos de Espiritualidade e Saúde na Internet.

**TEREZA MARIA POMPEIA CAVALCANTI.** Teóloga biblista, possui também graduação em Filosofia na Faculdade São Bento (SP) e em Psicologia na PUC-Rio; Ciências Religiosas na Universidade Católica de Lovaina (Bélgica); Mestrado e Doutorado em Teologia na PUC-Rio; Foi professora na Faculdade de Teologia na PUC Rio até 2019. Nos anos 80 e 90 participou da coordenação do Programa Mulher e Teologia do ISER; e da ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo). Publicou um livro e muitos artigos sobre leitura popular da Bíblia, leitura feminista da Bíblia e espiritualidade bíblica.

## SOBRE AS ORGANIZADORAS

**IVENISE TERESINHA GONZAGA SANTINON** - Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professora da Faculdade de Teologia, na PUC-Campinas. Assessora de encontros paroquiais e pastorais, cursos, grupos, escolas. Assessora Teológica na Comissão Pastoral do Laicato da CNBB. Membro da SOTER – Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião; da Rede Latino Americana de teólogos e teólogas pastoralistas do CEBITEPAL -CELAM – Bogotá; Membro-fundadora da Rede TeoMulher. Palestrante e autora dos livros: *Catequese Familiar e Gênero*. História de doze mulheres nas pastorais da Igreja em Salto, Editora EME-SP, 2009; *Elas estão no meio de nós*. A presença das mulheres católicas na Igreja em Rondônia, Ed. EME-SP. Possui diversos artigos, entre eles: *A presença da mulher na Igreja: Um olhar sobre gênero a partir do Concílio Vaticano II*. Maioria Informal X Minoria Formal. Anais SOTER **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/9507387681288509> **Contatos:** ivesantinon@uol.com.br e ivenise@puc-campinas.edu.br

**MARIA CRISTINA S. FURTADO** - Doutora em Teologia sistemática (PUC-Rio); Sandwich doctorate in Gender violence based on René Girard's thoughts (University of Roehampton, London, UK.); Especialista em Educação (PUC-RS); Psicóloga (CNP-BH). Professora externa colaboradora na UFRJ/Macaé – Projeto GEPESaúde. Professora convidada para o curso de Pós-graduação Teologia Pastoral EAD PUC-MINAS. Diretora do Centro de Estudos de Gênero, Diversidade Sexual e Violência/RJ. Pesquisadora no grupo Diversidade sexual, Cidadania e Religião (PUC-RIO). Membro fundador da rede TeoMulher. Membro da SOTER. Psicóloga clínica (CRP 05/59323) - atendimento individual e em grupo. Escritora e palestrante. Autora de nove livros infantojuvenis (ED. BRASIL) Autora do livro *Projetos de leitura de bolso: uma experiência mágica pela literatura, ética, música e poesia* (ARCO43). Possui diversos artigos e capítulos de livro que trazem reflexões psico/teológicas sobre a violência de gênero. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/0042075839821894> **Contatos:** mcristinafurtado@hotmail.com // <http://centrodeestudosgds.com.br>

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Marcha  
das

Madalenas

Teo  
Mulher  
+ = ≠

 Atena  
Editora

Ano 2021

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Marcha das

# Madalenas

Teo  
Mulher  
+ = ≠

  
Atena  
Editora  
Ano 2021